EXPEDIENTE.

Para os proximos numeros, as superstições no Minho e procissões no Minho pela senhora.... assignada, Obscura Portuense — o programma da Sancta Biblia — a continuação da questão do azeite pelo Sr. Ornellas — a rua dos Armenios do Porto — as aguas mineraes de Langroiva com a sua estampa pelo Sr. Carneiro de Magalhães — a pomada stibiada do Sr. Sousa Telles — a fabricação de farinhas pelo Sr. Visconde de Villarinho — a memoria sobre cartas topographicas de Portugal pelo Sr. Augusto Xavier Palmeirim — a biographia do conde de Lippe pelo mesmo — as escholas regimentaes pelo mesmo — rimance da infante de Granada pelo Sr. Mendes Leal — os versos á morte da filha da Exm.ª Senhora condeça de Murça pelo Sr. D. José de Lencastre — o fabrico da pita pelo Sr. Jara — duas palavras sobre a oração do christão — poesia do Sr. José Victorino Cardoso Freire de Fonseca, etc. etc. etc.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ELECTRICIDADE APPLICADA Á AGRICULTURA.

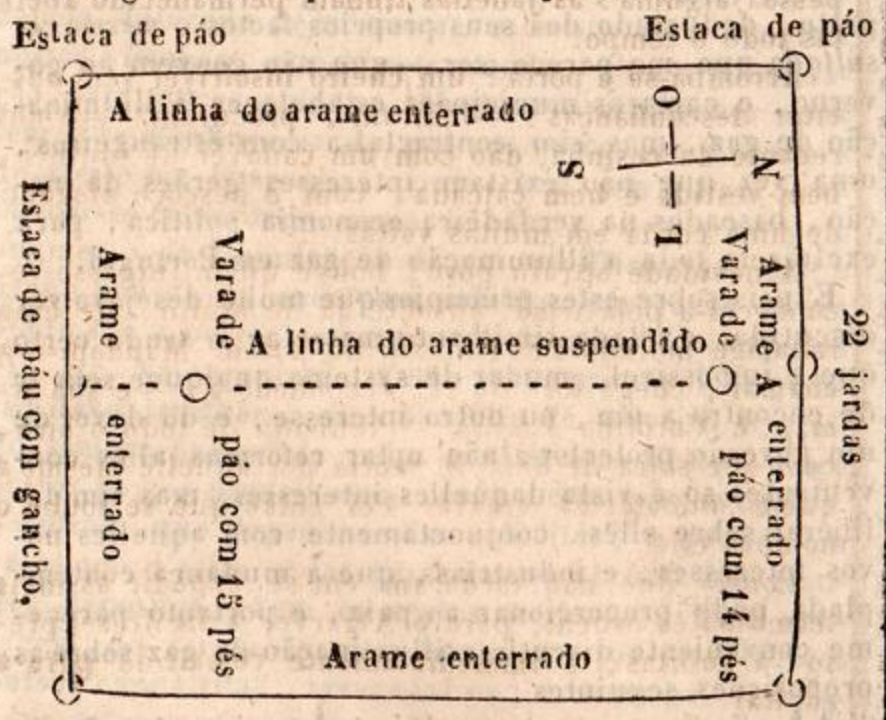
(*Carta.*)

Campo grande 17 de abril de 1845.

4186 Vejo eu na sua muito bem conduzida folha e quanto tem sido discutidos alguns assumptos, relativos ao melhoramento da nossa mui atrasada agricultura; por isso lhe offereço para publicar o seguinte:

O doctor Forster de «Findrassie-house» perto de Elgin na Escocia — tem experimentado o resultado da livre electricidade da atmosphera, para o cultivo de cereais, (e quem sabe se isto não poderá ser applicado tambem ao vinho ao azeite, á fructa etc. etc. etc. ad libitum?). Tendo debulhado pesado e medido a sua electro-cultivada-sevada, o producto foi a enorme quantidade de 104 bushels (bushel $2\frac{1}{2}$ alqueires) ou treze quarters por acre! O peso da palha foi de 9300 lbs. por acre. O custo do *eletrico apparatus* é de uma libra esterlina (4$400 réis) por acre; e se calcula que durará vinte annos.

O seguinte é a planta de um quarto de acre



	S. D.
Calculo do custo: — 6 libras de arame a 4 penes por libras para enterrar.	2«0
4 « — dicto — 3 dicto para suspender	1«0
2 varas de páu secco a 6 dicto cada um	1«0
Trabalho etc.	1«0
	5«0

Como cresce ou augmenta a quantidade de terreno o custo diminue rapidamente.

Convenientes e proprios espaços para: —

2 acres 127 jardas por 75 jardas.

1 dicto 80 dicto por 55 «.

Tres quartos dicto 82 e meio dicto por 44 «.

Meio acre 73 e um terço jardas por 33 jardas. «

Um quarto dicto 55 « por 22 «.

Um oitavo dicto 36 « por 16 e um terço.

O methodo em que o espaço se apromptа é como se segue: — com um compasso (agulha de marear) e medida de cordão commum, marca-se o espaço para as estacas de páu, ás quaes o arame enterrado se prende, passando por uma pequena escapula. Deve haver cuidado de pôr os cumprimentos do arame enterrado verdadeiramente direito do norte ao sul pelo compasso, e a e a largura verdadeiramente de leste a oeste. *O arame deve ser enterrado de duas a tres polegadas de fundo na terra.* As linhas do arame enterrado estão então completas. O arame suspendido suspendido deve ser preso e estar em contacto com os arames enterrados no fim de ambas as bandas.

Uma estáca de páo com uma escapula deve no entanto ser enterrada onde na planta se vê um A e as duas váras de páo secco uma de 14 pés e a outra de 15 pés, sendo postas pelo compasso verdadeiramente ao Norte e ao Sul, o arame se poem sobre ellas e prende-se á estáca de páo, porém tocando semelhantemente neste ponto com o arame enterrado.

O arame suspendido não deve estar ou ser muito apertado, d'outro modo o vento o quebra.

O resultado do doutor Forster é o ter de producto mais de 3 vezes a quantidade de grão e palha do costume.

Deve-se notar que a applicação da electricidade á cultura dos campos está ainda na sua infancia e provavelmente, muitos melhoramentos se descobrirão ainda. Se será precizo um, dois ou mais arames suspendidos ou uma bateria galvanica (pilha voltaica) posta no campo para suprir addicionalmente o fluido electrico são ainda coizas para determinar.

O de que não ha duvida é, que ha uma corrente electrica sobre a fáce da terra de Leste a Oeste e que ambas as correntes a terrestre e aeria são deste modo trazidas e ajuntadas pelos arames suspendidos e enterrados.

Não deve esquecer o notar que o fluido electrico opéra como um estimulante e que por isso a usual quantidade de estrume se deve applicar aos terrenos.

Na primavera presente se vae pôr em pratica em diversos pontos da Inglaterra este novo invento.

De V. etc.

A. V. Rodrigues.

BOAS NOVAS PARA A INDUSTRIA NACIONAL.

4187 Não podemos deixar de transcrever do *Diario do Governo* de quarta-feira 23 de abril o seguinte:

«Estamos informados de que a direcção da companhia das obras publicas de Portugal tracta de reunir todos os esclarecimentos, precisos para começar em grandes proporções as obras, de que está encarregada em virtude do seu contracto. Segunda feira passada saíu no paquete para Londres o Sr. José Maria Eugenio de Almeida, um dos directores da companhia, levando comsigo o Sr. João Chrysostomo de Abreu e Sousa, distincto official de engenheiros, e o Sr. Joaquim Simões Margiochi, engenheiro civil da escóla de pontes e calçadas de Paris.

O Sr. Eugenio de Almeida, segundo nos informam, vai auctorisado para fazer a acquisição de muitos instrumentos, maquinas e utensilios, principalmente com o fim de servirem de padrões pelos quaes se faça nas fabricas do paiz tudo quanto fôr possivel. Igualmente deverá concluir ajustes ou contractos com engenheiros e outros homens technicos, indispensaveis para as grandes obras projectadas, e com especialidade para o caminho de ferro que deve unir Lisboa á fronteira de Hispanha; por isso que os homens da sciencia que ha em Portugal são por certo insufficientes para tantos e tão importantes trabalhos.

Tambem sabemos que o mesmo Sr. Eugenio de Almeida deve examinar em Inglaterra e França as fabricas de rapé e dos outros productos, cujo exclusivo em Portugal pertence á companhia do tabaco, sabão e polvora; e ajustar maquinas de vapôr para a fabrica que esta companhia deve estabelecer no magnifico edificio do extincto convento de Xabregas, que estava occupado por uma fabrica de fiação e tecidos, e que brevemente será desembaraçado em consequencia do accôrdo amigavel, que foi celebrado entre a companhia do tabaco, sabão e polvora, e a direcção da companhia fabricante. No que diz respeito aos negocios da companhia do tabaco, sabão e polvora, o Sr. Eugenio de Almeida será coadjuvado pelo Sr. Rodolfo Cambiazo, antigo director da fabrica do rapé e tabaco de Lisboa.

Quanto ao caminho de ferro é satisfatorio vêr como em Inglaterra se tracta já da formação de companhias especiaes para a sua construcção. Abaixo transcrevemos o annuncio de uma companhia, que foi publicado nos jornaes inglezes; e sabemos que outra se dirigiu á companhia das obras publicas de Portugal para entrarem em ajustes.

Tanto o annuncio da primeira companhia, como a carta da segunda mostram falta de conhecimento do contracto celebrado entre o governo e a companhia das obras publicas de Portugal; mas tambem mostram que os inglezes acham o caminho de ferro de Lisboa a Madrid um objecto merecedor da sua attenção. Se não fôra assim, se os individuos que se propozeram formar as dictas companhias julgassem que os seus projectos não seriam bem recebidos, não se lembrariam d'elles, nem mesmo para especulações. «

—

Annuncio da companhia ingleza.

« Grande caminho de ferro entre Madrid e Lisboa. — Capital £ 3.000:000, em acções de £ 25 cada uma — A metade das acções são reservadas para Hispanha e Portugal. — Deposito 5 shillings por acção, com o fim unicamente de cobrir todas as despezas preliminares para fazer os necessarios preparativos, para obter concessões e vantagens dos governos de ambas as nações, e tambem para occorrer ás despezas dos estudos preparatorios.

Esta linha de caminho de ferro parte de Lisboa (passando-se o Téjo por meio de barcos de vapôr), corre através de Portugal e da Hispanha, e vai por Alcantara, Talavera, e Escalona até Madrid, com uma ramificação por Illescas e Montalban para Toledo. A distancia total é de 350 milhas.

Os trabalhos technicos foram feitos, e não apresentam difficuldades.

Não se entrará com prestação alguma, nem se distribuirão prospectos, sem que um contracto com os governos de Portugal e de Hispanha esteja concluido, e sem que as concessões para a construcção d'este caminho de ferro se tenham alcançado. Preenchido o numero das acções, os nomes dos membros da direcção provisoria serão publicados.

Os pedidos para acções podem ser dirigidos aos Sr.s Banghan & C.a, agentes de acções de caminhos de ferro — 9 Charing Cross —, onde poderão achar-se os impressos. »

—

SOBRE A CONVENIENCIA OU DISCONVENIENCIA DA ILLUMINAÇÃO DE GAZ EM PORTUGAL.

(*Carta.*)

Lisboa 25 *d'abril de* 1845.

4188 Encontrando no seu mui util jornal *Revista Universal* com o apuramento de votos, sobre a applicação da illuminação de gaz por lampiões publicos nesta capital, procurei esclarecer-me, pela leitura, da previa discussão da parte dos differentes escriptores, e votantes; e em resultado reconheci a utilidade de reclamar nova discussão da materia para haver votação sobre *principios geraes*, e não sobre bazes differentes, e incertas, e até contradictorias; como acontece com os votos já emittidos no mesmo jornal.

Por exemplo; diz *um* dos votantes, que o dinheiro é barato em Inglaterra, em outros paizes; que capitalistas estrangeiros offerecem tomar as emprezas de illuminação: e *outro* inculca que similhante illuminação será ruinosa: que a extracção do gaz pelos particulares será mui diminuta; e que o custo dos tubos, e mais utensilios saírá do nosso bolso, accarretando sobre o paiz grandes perjuizos em proveito dos estrangeiros.

Muitas outras contradicções encontrei, e todas muito notaveis; por quanto os votantes que se acham em opposição, deviam estar de accôrdo nesta parte, deduzindo dos seus proprios factos o *mesmo resultado* que me parece ser — que não convem ao governo, e camaras municipaes estabelecer a illuminação de gaz, mas sim contractal-a com estrangeiros, uma vez que não existam interesses geraes da nação, baseados na verdadeira economia politica, para excluirem toda a illuminação de gaz em Portugal.

E' pois sobre estes principios que muito desejava ver discutida, e votada similhante materia; e sendo certo que é impossivel, mudar de systema qualquer sem ír de encontro a um, ou outro interesse, é do dever de um governo protector, não optar reformas aliás convenientes só á vista daquelles interesses, mas sim deliberar sobre elles, conjunctamente com aquelles novos interesses, e industrias, que a mudança contemplada póde proporcionar ao paiz, e portanto parece-me conveniente discutir a illuminação do gaz sobre as proposições seguintes:

1.a « Se é necessario excluir toda a introducção do « gaz em Portugal, a fim de proteger interesses nacio- « naes no consumo do nosso azeite.

2.a « Se os estabelecimentos de gaz promettem ani- « mar outros interesses e industrias do paiz, que jus- « tifiquem a sua introducção.

3.a « No caso de duvida a respeito da preponderan- « cia, qual é a verdadeira economia politica applica- « vel á questão.

4.ª « Uma vez que se resolver admittir o gaz, se « convém ao governo, ou á camara municipal formar « os estabelecimentos por conta propria, ou contra- « ctar a illuminação publica por preço fixo, com as « companhias, que se offerecem tomar similhanle em- « preza. »

Parece-me que estes são os verdadeiros principios, que devem regular a questão, e que todos os votantes a favor, ou contra a admissão, devem profundar mais a materia.

Na actual escacez de esclarecimentos, não me atrevo a emittir o meu voto, esperando ainda encontrar superiores luzes de illustrados escriptores no seu jornal, e sómente farei algumas observações sobre a discussão no estado em que se acha.

Quanto á 1.ª proposição, a respeito dos interesses do azeite nacional, parecem-me exagerados os exemplos indicados geralmente pelos votantes, pelo que toca ás circumstancias applicaveis a outros paizes productores de azeite, que já tem admittido a illuminação de gaz, por isso que não é argumento geral a exportação referida de oito mil alqueires de azeite d'este porto para França, nem a applicação dos azeites de Italia para os engenhos de fabricas etc. etc. Nós não sabemos qual o destino da referida exportação, que póde ser baldeada em França para outro paiz, e ainda no caso de ser, como não duvido para consumo em França, não se póde colher dahi, senão o que todos nós sabemos das colheitas de azeite falharem ás vezes em outros paizes, como tem acontecido por vezes entre nós, até ao ponto de ninguem ignorar, que temos tido diversas occasiões de supprir as nossas proprias faltas com a admissão do azeite estrangeiro, e mui principalmente para as illuminações publicas. Os exemplos referidos do gaz em França, e Italia, não me parecem tão analogos a nós, com a Hispanha, onde se admite o gaz, ha tempos em duas cidades: depois seguirão mais duas cidades no centro da maior abundancia do azeite de oliveira, e consta que aquelles nossos visinhos, estão contractando aquella illuminação para outras cidades. Muito conviria saber qual tem sido a influencia do gaz nos preços, e interesses do azeite em Hispanha, porque seria um guia, o conhecer-se a verdade como se allega, e parece pelo augmento da illuminação de gaz em Hispanha, que o azeite pouco, ou nada tem soffrido, em razão de ser applicado a outros empregos nas fabricas estrangeiras etc. etc. Na apreciação d'esta parte principal da questão deve lembrar, que o azeite de oliveira tem sido sempre procurado pelos estrangeiros neste, e nos outros paizes productores, confórme os preços de uns, e outros, que dependem das colheitas, e quando em resultado d'ellas, e das pescarias se accumulam grandes depositos, tem os nossos azeites a grande vantagem de serem de uma qualidade que promete aos nossos capitalistas, arrecadal-os, e empregal-os á espéra do anno de escacez. Nas occasiões de *abundancia geral* poderão os nossos azeites carecer de protecções, mas não vejo a influencia que terá, já depreciados pela abundancia, nos preços os 9360 almudes, que é o maximo, orçado pela camara municipal para a illuminação annual dos lampeões publicos d'esta capital — pouca differença póde fazer o empate de mais 9360 almudes de azeite das colheitas abundantes, para serem vendidos a maiores preços nos annos da escacez.

A materia da segunda proposição depende muito do apuramento da primeira, por quanto no caso do se verificar que o azeite soffre muito pela admissão do gaz, os beneficios que este promete a outras industrias, não poderão auctorisar aquella illuminação em Portugal, mas se o azeite soffre pouco, e nós podemos vendel-o aos estrangeiros, e colher outras vantagens nacionaes pelo gaz, então eu tambem votaria a favor da sua admissão, em razão dos grandes trabalhos, e despezas necessarias para armar o estabelecimento, o emprego de muitos braços nacionaes, e as vantagens que prometeria, se se explorassem todas aquellas minas de carvão que possuimos e se acham em parte referidas, por differentes escriptores no seu jornal, sendo certo como dizem, que existe carvão no paiz, proprio para a extracção de gaz, seria impossivel que não podesse concorrer com o carvão inglez, que nos vem carregado com direitos enormes na saída d'Inglaterra — na entrada aqui — e tem o onus de maiores fretes, e despezas braçaes. Nesta parte a segunda proposição tambem carece de esclarecimentos, e talvez se não verifique, quaes as melhores minas de carvão, que vemos para o gaz, emquanto não acabar como brevemente acaba o actual privilegio exclusivo d'esta mineração.

Havendo como já referi esclarecimentos a colher sobre a materia, que não me permitte votar, sobre as duas primeiras proposições, não acontece o mesmo com o terceiro, por quanto nenhuma duvida teria em declarar o meu voto quanto aos principios de economia politica, applicaveis a admissão do gaz, visto que é inegavel que não havendo encontros de outros interesses nacionaes; a verdadeira economia politica seria vender para fora o genero mais caro, que é o azeite, e substituir nos lampeões publicos a illuminação de gaz, que offerece duplicada claridade pelo mesmo, ou talvez em occasiões de pequenas colheitas, por menor custo que a luz de azeite, a além disso o gaz, tem a vantagem de sempre conservar luz egual, em quanto vemos continuadamente, quasi apagadas nas ruas d'esta capital as de azeite, que carecem de renovação, etc.

Emquanto á quarta propozição parece-me contraproducentes aos interesses nacionaes, o encarecimento que se tem feito do grande custo dos tubos, e utensilios para gaz, das difficuldades que se encontrão, nas nossas ruas ingremes, e ladeirentas, e da provavel falta de consumo do gaz pelos logistas, e particulares, por isso que taes argumentos poderão tão sómente servir para affastar as companhias que parecem concorrer para tomar a empresa da illuminação dos lampeões publicos com gaz. Se o dinheiro entre nós vale mais, e acha outros empregos, que assegure ao capitalista um juro maior, que aquelle que promette uma empreza de gaz nesta cidade, seria este um motivo para admitirmos propostas de fóra do reino, e não para procurarmos persuadir os extrangeiros que o negocio será ruinoso. Affasto-me desta materia, *por entender que a unica questão, é ver se convem aos interesses geraes do Pais admitir o Gaz aos lampeoes publicos*; e se por acaso parecer conveniente admitil-o, não vamos argumentar contra nós mesmos, mas deixemos as emprezas, tanto nacionaes como extrangeiras entregues a seus proprios calculos: certos como devemos estar, que uma vez feito o grande em-

pate necessario para se organisar semelhante estabelecimento, não deixaremos de ter nesta capital a illuminação de gaz nos lampeões publicos, e para uso das mais pessoas, a quem convier. Ainda espero esclarecer-me para poder emittir outro voto sobre as differentes materias d'esta questão, que me parece grave, por encerrar differentes interesses, e ramos de industria do paiz.

E como no seu jornal se tem ventilado este objecto, aliás de muita ponderação, por isso tenho a honra de enviar-lhe este meu voto. De V. etc.

João Caetano Lopes.

PARA UMA CASA SE LIVRAR DA HUMIDADE DAS PAREDES.

(Carta).

4189 No seu interessantissimo jornal com o numero 4141, vem um artigo intitulado — *Para uma casa se livrar da humidade das paredes.* Suppondo que, o processo alli indicado dê os melhores resultados e por conseguinte seja efficaz, noto com tudo não poder estar ao alcance de todas as pessoas que d'elle se queiram utilisar, se tivermos em consideração emquanto elle vem a importar, attendendo ao forro das paredes com a folha de chumbo, e ao papel pintado com que as mesmas devem ser revestidas, o que na verdade sahirá por alto preço não fallando na mão d'obra. Ora tudo isto concorre para não ser facil o levar-se a effeito; á vista d'estas considerações, tomo a liberdade de lhe indicar outro processo, que vem inserto no *Boletim de Therapeutique de Paris*, pertencente ao mez de janeiro de 1845, que é preferivel ao outro a todos os respeitos e a meu ver mais efficaz; consiste elle em lavar as paredes internas das casas com agua, em que se tenha dissolvido uma porção de alumen.

Pode-se remediar este inconveniente nas casas que de novo se construirem uma vez que as argamaças sejam preparadas com aquella agua, isto n'aquellas em que se emprega a arêa colhida á beira do mar, porque segundo as indagações do Sr. Saint Martin, aquella humidade é devida ao muriato de soda que a arêa contém.

Accedendo V. aos meus desejos, dando publicidade a este descobrimento, um grande serviço fará á humanidade, que reconhecida lhe prestará os maiores elogios, e a mim um favor de que ficarei summamente obrigado.

De V. etc.

Lisboa 21 de abril de 1841.

Carlos Maria Monteiro Freire.

TINTA PRETA DE ESCREVER.

4190 Galhas machucadas..... 1 libra
Pau de campeche, rasurado, } ..... 6 onças
Casca de romã..... }
Agua..... 20 lib.
Ferva por dez minutos, a fogo brando, e côe, antes de esfriar de todo.
A' parte: gomma arabica machucada..... 4 onç.
Assucar candi..... 2 onç.
Agua..... 2 lib.
Dissolva e côe para cima do antecedente.
A' parte: sulfato de ferro..... 1 lib.
dicto de cobre..... 1 onç.
Agua..... 2 lib.
Dissolva e junte aos antecedentes; mecha muito bem, com espatula de pau, e junte, ao todo, annil dissolvido em 8 onç. de agua, e de alcool..... 4 oit.
Guarde para uzo, etc. *H. J. de Sousa Telles.*

NOVIDADE MATHEMATICA.

4191 Quarta-feira 23 de abril se realisou, em plena reunião da academia real das sciencias de Lisboa, com a assistencia de muitos professores das escholas polytechnica e do exercito e de outras pessoas destinctas, a exposição, feita por M. Chauvet, ex-professor de altas mathematicas em Buenos-Ayres e socio do Instituto historico de Paris, de uma sua nova theoria mathematica, importantissima segundo elle affirma, pelas suas preciosas e numerosissimas applicações.

Estranhos a essas sciencias, aguardamos com a mais viva curiosidade a relação que, sobre o novo systema, tem de appresentar a secção de mathematica da mesma academia. Por emquanto, limitar-nos-hemos em transmittir a nossos leitores a carta que M. Chauvet se dignou de nos escrever. Sem nos permittirmos a este respeito mais de que uma unica reflexão: reflexão obvia e que de nenhum modo poderia escapar aos illustres vogaes da secção mathematica da Academia.

Pressupondo que o exame, em que se vae entrar, confirma a exacção e a importancia das theorias de M. Chauvet parece a alguns peritos, cuja opinião havemos consultado, que a determinação de sete incognitas por via de um só dado é um arrôjo de analyse de que ainda não havia exemplo e que deve grangear ao auctor um logar conspicuo entre os sabios. Este resultado prova quanto proveito se póde tirar da fecundidade da analyse infinitesimal em se lhe sabendo bem o mecanismo: e é provavel que fosse pelo novo ponto de vista com que M. Chauvet encarou os infinitamente pequenos, que elle chegou a um resultado tão notavel.

Repetimos, que não temos voto proprio na materia, mas pelo que ouvimos a pessoas illustradas, que assisticam á sessão, parece-nos devermos esperar que as theorias do illustre professor de mathematicas serão approvadas, fasendo d'ellas a Academia menção honrosa nos seus annaes.

Mon cher collègue et ami.

D'après la demande que vous m'avez faite, relativement aux théories mathématiques que j'ai exposées à l'académie des sciences de Lisbonne, dans sa séance du 23 de ce mois, j'ai l'honneur de vous soumettre ici, le sujet de ces théories, et les difficultés que j'ai eues à surmonter pour les créer.

Jusqu'ici, les hautes questions de physique, de dynamique et d'hydrostatique, qui dépendent de la résolution des équations différentielles partielles du premier et du second ordre, à trois variables, sont restées insolubles faute de méthodes théoriques, ou du moins, n'ont été que très incomplétement résolues par celles qui possédait le calcul infinitésimal; lesquelles nécessitaient toujours, pour chaque cas particulier, le secours de l'expérience, afin de déterminer les quantités arbitraires qui en font partie.

Cette lacune dans la science et que, vainement, tant de géomètres, distingués ont cherché à combler n'existe plus, comme on peut s'en assurer par le travail que j'ai dédié à l'académie, et dont bientot, je pense, la commission rendra compte; ainsi désormais, toutes les questions que je viens de mentionner et qui font le sujet de mon travail, vont être complétement résolues, et cela par des formules générales qui embrassent tous les cas.

Quant aux difficultés que j'ai surmontées, tout mathématicien les appréciera à leur juste valeur; et, les personnes peu ou point versées dans les sciences exactes, en comprendront aisément l'étendue, en leur disant qu'il m'a fallu lutter avec l'un des plus illustres géomètres de notre siècle, avec l'un des plus savants parmi les savants de France, avec Monge enfin, le fondateur de l'école polytechnique; de cette école qui est une des gloires de ma patrie, et qui a servi, et qui sert encore de modèle à toutes celles que les nations, jalouses de leur prospérité et de leur civilisation, veulent fonder.

Vous devez facilement comprendre, mon cher monsieur, que le monde savant ayant, parmi toutes les théories présentées pour la solution des théorêmes en question, accordé la préférence à celles que Monge a découvertes, comme étant les plus complètes et les plus analytiques; je dirai meme comme étant le travail le plus parfait qu'on put produire à cet égard, en attribuant, non pas à ses théories mais bien à la nature meme des questions, l'incertitude des résultats auxquels on parvenait; vous devez comprendre dis-je, que ces théories dominant sans rivales dans le domaine des hautes pensées infinitésimales, et y dominant par la double influence qu'elles ont, d'apparaitre toutes brillantes de génie et de haute conception, et en même temps d'appartenir à une autorité scientifique aussi imposante que celle de Monge, qu'il m'a fallu, non seulement surmonter les difficultés de la question pour parvenir à mon but, mais encore rechercher dans le travail de Monge, le point où il était en défaut, afin de faire prévaloir mes théories qui sont désormais destinées à remplacer les siennes.

J'ajoute ici, et je vous prie bien instamment d'appeler l'attention des mathématiciens sur ce fait, que dans le premier ordre, il s'agit de déterminer cinq inconnues, à l'aide d'une seule donnée; à savoir; les trois variables x, y, z, et les deux coefficients différentiels $\frac{dz}{dx}$, $\frac{dz}{dy}$; au moyen de l'équation donnée; et que dans le seconde ordre, il y en a sept, que je suis parvenu à determiner également, sans plus de secours que dans le premier cas.

Je termine cette lettre beaucoup trop longue, plus étendue que je ne m'y attendais, en vous informant que mathématiciens ou non, tous les membres de l'académie ont econté avec bienveillance mes explications, et que presque tous ont fait entendre un murmure d'approbation auquel j'ai été bien sensible.

On m'a reproché avec raison, d'avoir fait mes démonstrations avec trop de précipitation, cette précipitation provenait de la crainte que j'avais de fatiguer l'attention de l'assemblée. Veuillez, je vous prie, agréer etc.

Ce 26 avril 1845. *Chauvet.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

MAIO PAGÃO E MAIO CHRISTÃO.

ANNO DE 1385.

4192 Aquella fé extremada de nossos avós, motora d'essas grandes façanhas, que ainda até hoje correm sem par na historia universal, fel-os resvalar em muitas fraquezas (fallemos verdade segundo é nosso dever e costume): sirvam de exemplo, as muitas ordenações e anathemas contra os brinquedos pagãos, todos elles risonhos e innocentes, com que o povo se refocillava em certos dias do anno.

Bem sabem os lidos que d'entre as tantissimas festas *mysteriosas* dos romanos, as de maio em honra de Apollo, da deusa Bona, do Pontifice Maximo, e dos Velhos cujo era o mez: a expiação dos Manes Paternos etc. eram as mais solemnes, poeticas, e alegres, segundo as inspirava nos animos, ainda os mais tristonhos, o jubilo de toda a naturesa, ao despontar o mez das suas galas e fragrancias. Não menos sabem todos, que de muita parte d'esses fabulosos ritos ficámos sempre usando, por mera diversão ou pouco mais...; e que do costume que tinham os paes de familias de sairem no dia de maio á meia noite em ar de penitencia com a bocca cheia de favas (*) negras, resando algumas palavras de muita virtude, e deitando as favas para traz das costas para engodar e afugentar os manes da sua obrigação, tomou certa origem a nossa usança antiga de, tambem á meia noite ou antes de nascer o sol, se comerem castanhas piladas, para não entrar o maio na gente, e deixal-a amarella todo anno. E o *viva o maio pequenino*, todo arraiado de mal-mequeres, e de papoilas, arruando meia cidade com um grande sequito de rapasiada, a pedir *dez réis p'ró prato*, e outras mais costumeiras que lá correm ainda pelos casaes e aldeas das provincias, tudo são innocentissimos arremedos da fabulosa e poetica religião de Romulo, que nunca serviram mais que para rir e folgar.

Entretanto isto chegou a escandalisar tanto a piedade escrupulosa de nossos avós, que o assento da camara de Lisboa que citámos no artigo 2846, houve a confirmação de el-rei D. João I, por carta passada em Guimarães aos 3 de novembro 1385, e foi depois incorporado em todas as ordenações do reino; na qual se prohibiu com muitas comminações o festejarse o maio, estabelecendo-se em vez disso uma procissão mui devota e solemne a N. S. da Escada.

Dizia o assento:

» E porém o corregedor, juizes, regedores, procurador do concelho, e os procuradores dos homens bons dos mesteres, esguardando alguns graves peccados que se em esta cidade, de mui longos tempos a cá faziam, e estremadamente peccados de Dolatria, e costumes danados dos gentios que se em ello de grandes tempos guardavam, pelos quaes peccados e costumes segundo em testemunho da Sancta Escritura, Deos mais gravemente atromenta e destroi o povo etc.... estabellecem que d'aqui em diante em esta ci-

(1) *Bocca de favas* ficou em anexim cá entre nós.

dade e seu termo, nem se cantem Janeiras nem Mayas... e qualquer que o contrario fizer seia punido em cincoenta libras das quaes a metade vão aos acusadores, e a outra parte ao concelho, e se pagar nom puder: seja degradado da cidade e termo pubricamente com pregom. »

» E estabellecem que qualquer que para Maya ou Janeira emprestar bestas, vestires, joyas ou quaesquer apostamentos, perca tudo aquillo que assim emprestar, e hajão todo os accuzadores e concelho de premeio. »

» E porque para se os homens reconciliarem a Deus, duas couzas lhe som necessarias, convem a saber, partir-se do mal, e cobrarem do bem em satisfação do mal que hão feito, consirando os sobredictos em como os costumes dos gentios damnados perditos pela igreja que em sima som declarados se uzavão em descontento de Deos e de sua Madre, principalmente em estes *tres* tempos e *dias*; convem a saber primeiro dia de janeiro, primeiro dia de Mayo, e dia da Sancta Cruz: estabellecem e ordenam que cada anno por sempre, por aquelles tres dias se façam tres procissões solemnes, devotamente, a primeira etc.... a segunda se fassa por dia de Santiago e de Sam Philippe, em o qual se costumava fazer e honrar a Maya: e esta se fassa em honra e reverencia da Virgem Maria, que é Rainha e Emperatriz dos ceos, e vão a Santa Maria da Escada. (1) »

Foi em balde: que nunca até hoje se tem podido estirpar estas taes *heregias*.

Ao menos (lemos nós ha pouco em uma obrita inedita) esta ordenação do rei, contra o *mayo mayo é*, e as castanhas piladas creava outra coisa, ainda que muito séria, em vez d'isso: mas uma postura municipal contra as fogueiras e alcachofras do S. João, sem dar outra coisa de novo, lá parece grande sêde de mandar.

A. da Silva Tullio.

ILHAS DE CABO VERDE.

1.° DE MAIO DE 1460.

4193 ESTÃO os nomes das tres mais meridionaes Ilhas de Cabo Verde, S. Filippe, ou do Fogo, S. Thiago e Maio, disendo, que hoje é o anniversario de seu descobrimento; e a incrivel marulhada de datas alteradas, de nomes errados e desfigurados, que vão por esses livros, occultando-nos o verdadeiro anno, e o verdadeiro descobridor d'ellas!... A parecer do eruditissimo auctor do Indice Chronologico dos Descobrimentos Portuguezes, os descobridores foram Cadamosto e Antonio de Nola, e o anno o de 1446; tambem os annaes da marinha portuguesa abundam no mesmo sentido; mas mettem no numero dos descobridores uns criados do infante D. Henrique; e vem depois a chronica de Azurara, e contesta com o seu silencio muito expressivo esta opinião, e por derradeiro os ensaios estatisticos sobre as provincias d'além-mar rebatem com provas, que a estreitesa do campo não deixa, que expendamos todos os votos, que não sejam a favor da opinião que seu illustrado auctor apresenta, de que foi em 1460, e por Antonio de Nola, só, que estas ilhas foram encontradas. Não ha resistir á força das bases em que assenta o parecer, de que foi em 1460 tal descobrimento; porém o descobridor? É um sem fim de nomes, e de refutações, todos adhibem provas de que foi o que disem, e nenhum deixa que fossem os que disem os outros. Aqui temos uma exactissima cópia do livro dos mysticos do real archivo da Torre do Tombo, onde n'uma doação feita em 23 de outubro de 1462 por D. Affonso V. ao infante D. Fernando, aquelle diz, que lha dava (uma certa ilha, que este lhe pedira) *como ja lhe dera as outras septe ilhas de Cabo Verde descobertas por Diogo Affonso*, escudeiro d'elle infante!! E nenhum escriptor, que saibamos, attribue tal feito a similhante individuo.... Reléva, que se amostrem estas variações, e releve-se-nos por isso fallarmos de facto sabido de todos, ouvido cada dia, e lido, e escripto em tantos livros: — somos amantes de nossa patria cujo nome estes, e iguaes feitos tornaram celebrado pelo Universo.

J. M. Campelo.

(1) Ermida *monumental e historica* no largo de S. Domingos, onde hoje está um *botequim*!

BAPTISMO DO BRAZIL.

3 DE MAIO DE 1500.

4194 N'ESTE dia saíu em terra na costa do Brazil, o seu ousado descobridor, Pedro Alvares Cabral, com todos os mais capitães, e os religiosos missionarios que para taes expedições se deputavam. Depois de se haver celebrado a missa, e feito pregação se poz á terra o nome do dia, da *Sancta Cruz*. Depois o tempo ou o commercio chrismou esta vastissima provincia, dando-lhe o nome que ainda hoje conserva, do pau indigena, mercancia de grande valor.

O nosso João de Barros indigna-se fortemente contra esta mudança, com rasões não muito de receber: e alguns escriptores ficaram sempre chamando pelo nome do baptismo, provincia de *Sancta Cruz* á terra do Brazil, que hoje prospera entre os mais potentes imperios do mundo.

A. da Silva Tullio.

CANTICO DE MAIO.

4195 Senhor, eis o Maio teu nome louvando,
Dizendo nas flores, qual é teu poder;
Dizendo-o nas notas, que as aves em bando
Descantam na selva, do dia ao romper.

A' dor, que a minha alma corroe sem piedade
Nos flóridos campos busquei distracção:
Quiz vêr se olvidava pungente saudade,
Desejos anciosos do meu coração.

Ao pé fui sentar-me de erguido asereiro,
Que á espera de maio se veste de flor:
Um sôpro da brisa, beijando-o ligeiro,
Roubava-lhe aos ramos dulcissimo odor.

Mais longe, outras auras saltando nas rosas
Tiravam co'as azas perfumes aos mil,
Que á beira do arroio nasceram mimosas,
Unidas vermelhas em grupo gentil.

Além entre o verde da longa seára
De rubras papoilas se viam milhões:
Aqui malmequeres aos centos contára,
Contára de lirios milhar de botões.

Reboava nos ares do melro o assobio;
Da meiga andorinha subtil pipilar;
Saudoso se ouvia murmurio do rio,
E o bardo plumoso, que geme ao luar.

E eu disse á minha alma: vá fóra a tristesa;
Desejos olvida, saudades e dôr..
Não vês toda alegre gentil natureza
Louvando, a sorrir-se, commum Creador?

Soletrá seu nome transcripto do campo
No verde, nas flores, no lindo matiz;
Pergunta ao da noite veloz perilampo
No lume que fulge que nome te diz?

Pergunta-o á accacia vestida por maio,
Ao mato florído, que vês acolá;
Pergunta ás estrellas, ás nuvens, ao raio
E tudo responde — Elohim, Jehová —

Ao hymno dos mundos agregue-se a lyra,
Que ao bardo na terra tu deste, ó meu Deus!
Com maio louvando-te as cordas lhe fira!
Canções da minha alma subi-vos aos Ceus.

D. José de Lencastre.

MASILGADO.

V.

Nos braços toma um filho, que alli tinha
De tenra idade, e (vista miseravel!)
.....
A morte vai buscando. . . . .

Corte-real, *Naufragio de Sepulveda.*

ANTES MORTE QUE TAL SORTE.

4196 Isto de zelos, — nem eu sei, — são n'o peccado; ou direi antes então que são n'o proprio demo do inferno que se mette na gente para a consumir.

Em elles começando a roer, a roer no coração.... adeus.

Pois quando vem uns certos zelos do passado, que não tem remedio nenhum?!.. sempre cuido que é esse o maior tormento que Deus podia deitar ao mundo.

E senão é vêr.

Põe-se uma pessôa a olhar para uns lindos olhos castanhos, d'uns que alcançam quanto pertendem, e volta o rosto e não quer saber mais d'elles, se lhe vem á lembrança que houve outro, primeiro, que gosou d'aquillo.

Vae um homem a beijar a bocca — a rosada e mimosa bocca da mulher que ama; vae a lançar-se-lhe nos braços, cançado desta lida de vaidades, em que se anda sempre, a procurar a ventura, que só alli póde encontrar, porque só alli se encontra a verdadeira, e vel'o que estremece, que foge, que não crê naquelles affagos, porque lhe veio a suspeita de que não foi elle o primeiro, que os disfructou.

Bem n'o digo eu: ciumes do passado são n'os mais negros ciumes que ha.

E não se póde batalhar com elles, que é o peor; são como a sombra, que nos segue sempre, e em que nunca se chega a tocar.

O Senhor nos defenda de zelos e nos traga a razão sempre clara para que nos não aconteça como a *Masilgado.*

Infeliz *Masilgado*! Aquella carta foi carta amaldiçoada. Pois não querem saber? fallava-se n'ella em coisas!....

Catharina tinha um namorado — eram amores antigos, de antes ainda do seu casamento, — um namorado que lhe recordava as horas de ventura, que já disfructaram ambos, quando vinha a visital'a, demudado, alli a Villa-do-Conde, e que lhe escrevia, jurando-lhe e protestando-lhe por quanto havia, que nunca por nunca ser, se esqueceria d'ella entre as festas e folias da côrte, em que andava — e em que podia andar, porque era um fidalgo dos mais nobres da cidade do Porto, porque era.... emfim não quero dizer o seu nome para não affrontar com a minha historia o credito dos seus descendentes, porque na verdade, quem não poupa, sequer ao menos, as mulheres alheias.... não sei o que merece tambem. Merece que se lhe ponha um veu sobre o nome.

Deixemos isto.

A noite estava socegada, mas o ceu tinha nuvens, e era um ceu baço, assim como que a prometter chuva lá para depois, ao metter da lua; e que lua tão triste aquella, a espalhar um clarão descorado pela praia da villa, — por esse areal deserto sem viv'alma a taes horas, que era tarde já, bem tarde!

O mar quebrara algum tanto da sua bravesa da vespera, mas rugia, rugia.... e rebentava por entre as fendas limosas da cordilheira de rochas, a que chamavam as *pedras do garnel.*

Pedras do garnel! Ora aqui temos nós outro nome de que tambem não cheguei a alcançar a origem! — Valha-me Deus pelo mal que vou contando este conto verdadeiro, em que já deixei passar em claro a etymologia da alcunha de Salvador Soares! Porém, senhores, que mais havia eu de fazer? perguntei-o aos naturaes da terra, não m'o disseram; e assim, para o procurar em papeis, isso lá, mal-peccado! contentem-se portanto os meus leitores de saber que as *pedras do garnel* não são outra coisa mais que uns rochedos meio-carcomidos, como ha tantos pela beira-mar, para o norte desta boa terra de Portugal.

A praia estava solitaría. Não se ouvia rumor de gente viva, nem signaes d'ella; eis senão quando surde lá para as bandas do castello, que fica n'uma ladeirinha antes de chegar á villa, surde um vulto, negro, como um carvão, e alto, como um sovereiro, e descia com um andar precipitado pela area abaixo, a caminhar, a caminhar direito para o mar, como uma linha, e d'ahi, metteu-se pela agua dentro até quasi ao joelho, chegou mesmo ao pé das *pedras do garnel*, trepou por alli acima até ao mais alto de todo, e estacou.

A lua então, parece que rasgando o tolde enublado, que a encobria, deixou cahir um raio, a prumo, sobre aquella figura, que, — o senhor me ajude, — havia de ser, sem tirar nem pôr, como as taes almas ou sombras, em que diz que se falla no livro da *divina comedia* feito por esse affamado poeta d'Italia.

O luar bateu-lhe de chapa sobre o rosto. Era *Masilgado!*

E que mudança em todas as suas feições!... Jesus! podia-se dizer que não era o mesmo, que foi. As maçãs do rosto encovadas, os beiços seccos e brancos, como um papel; a barba e o cabello hirto e arripiado; os olhos esgaziados, e com a roupa posta em pedaços.

Tinha nos braços dependurada e com a cabeça para baixo, a filha, que tanto estremecia, a sua rica Joaninha, que teritava com frio, e nem se atrevia a chorar sequer — que aquelle innocente era um anjinho — mas solnçava em secco, que mal se destinguia.

Masilgado olhava sem pastanejar, para a frouxa nesga de lua, que estava a luzir incerta d'entre as nuvens, e olhava a fito, como eu ouvi dizer a um poeta que a aguia costuma olhar para o sol.

¿Em que pensaria elle?

De repente veio uma vaga mais alta; bateu contra o alcantil da rocha, borrifou-o de espuma, e acordou-o de semelhante somno ou pezadello.

Surriu-se. Alevantou nas mãos a pequena, que já principiava a chorar então, contemplou-a, e desatou n'umas gargalhadas, que nunca se viu! ria, como um perdido. E fallava depois de maneira, que parecia um delirio aquillo tudo, e só, de quando em quando se lhe differençavam algumas palavras, aqui e alli, com tino.

— Isso não, não, nunca!

Calou-se pelo espaço de um crédo, e proseguiu logo, mas como se levassem agora outro rumo os seus pensamentos:

— Mulher, e que estêjas tu morta, para que eu não possa arrancar-te, a pouco e pouco, essa vida!...

E ferrava os dentes e apertava com furia o corpo franzino da filha, como que descuidado de que a tinha alli.

— Mulher, — continuou elle depois — e que estejam afferrolhadas as portas da matriz, e que não possa eu ir.... Hei-de poder, oh! se hei-de! hei-de ir, uma vez, amanhã, hei-de ir á sua cova, e cavar, cavar a terra, como um cão faminto, e agarral'a, assim morta, pelos cabellos, arrastal'a por aquellas pedras e cuspir-lhe nas faces, ai! n'essas faces, em que eu....

E rompeu n'um diluvio de chôro e esteve por alguns instantes, sem dar por coisa nenhuma, até que lhe veio novamente um desespero, para o enlonquecer.

— E foi n'essas faces que eu beijava.... eu! vendido, invergonhado para todo o sempre.... que elle.... o outro.... que o villão ouzou.. Oh! Joanna, Joanna, — e fallava a tremer, como um lobo dos mais bravios, quando se enfeita para esquartejar o cordeirinho, — Joanna, se tu cresceras, havias de ser bonita.... havias de ser a mulher de um homem, que te amasse, a quem tu mentirias até á mesa da communhão, a seu lado; havias de enganal'o por outro; e elle, coitado!.. elle, que punha a sua confiança na tua fé, quando chegasse a descobrir.... daria em doido, daria em condemnado, daria em.... Nada, Joanninha — e dizia estas palavras com uma risada funda, que não se lhe via na bocca, — nada, não has-de ser, tu, por certo, que farás o descredito d'um homem.... para maldito bem basto eu só.. Não Joanna.. filha, quem sabe de quem?.... d'elles, do peccado, filha do demonio.. isso não, antes morte que tal sorte.

E arremeçou com quanta força tinha, a formosa criança ao meio das aguas, (1) a pobre criança, que mergulhou de chofre, appareceu lá mais adiante com a cabeça de fóra, erguida, a bater com as mãosinhas, como que a pedir soccorro... e veiu uma onda levantada passou-lhe por cima, envolveu-a, e affogou-a.

Nunca mais se viu! E *Masilgado*, com os braços encrusados, olhava para o mar, mas era como se tivesse a vista embaçada.

E as nuvens engrossavam, a mais e mais, e começou a chover e a ventar.

---

(1) E' horroroso e incrivel, mas é historico; pelo menos anda na tradicção, e nem podia ser que accontecesse: a paixão leva o homem a coisas taes...

E Salvador, sem se mover, alli posto, sem lhe importar com chuvas nem ventos.

Eis que repentinamente, pelo mesmo logar, por onde elle viera, vinha agora outro homem correndo e a bom correr, porém tropeçando a cada passo.

Chegou, deitou os olhos á praia toda, enxergou-o, e foi, como um raio, para o pé d'elle, a bradar com uma voz cançada: — Senhor. . . meu senhor. .

Pelos modos, bem claro está que era Gonçalo *barbudo*, que déra pela falta de seu amo em casa, e que, pelo grande amor, que lhe tinha, nem se lembrava já que n'aquillo andava obra de feitiçaria.

— Meu senhor. . . meu senhor. . . — e metteu-se pela agua tambem, e foi deitar-se-lhe aos pés, a abraçal-o pelos joelhos.

Masilgado começou a affirmar-se n'elle, e por fim disse-lhe muito baixinho:

— A que vens tu cá?. . . para que vieste cá? dize, dize.

— Pois aqui, meu senhor!. . . aqui, sósinho, por estas horas!. . .

— Ah!. . . olha, já que vieste, olha o que eu te digo por ultimo. . . — e agarrou-lhe na mão com uma força, que parecia que lh'a queria partir — olha, vae a Lisboa. . . que has-de vel-o, ao tal. . vae. . . queres saber quem é? pois então ouve. . . — e fallou-lhe ao ouvido, — vae, vae depressa. . . . procura-o, e mata-o, mata-m'o!

E Salvador atravessou, outra vez, para a terra e despregou a correr, como um galgo, por aquelles areaes fóra. Bem desejava Gonçalo não desamparar o triste sem ventura. . . ainda chegou a dar quatro passadas, porém faltaram-lhe os animos, cahiu de joelhos, e alevantou a vista para o céu.

Pediria ao Senhor paz e conforto para as magoas de seu amo, ou faria jura sagrada de o despicar de tamanha affronta?

Sabe-o Deus sómente.

(*Continuar-se-ha.*)

Pereira da Cunha.

NOTICIAS.

BOA NOVA.

4197 Por excellente via nos consta, e com jubilo o annunciamos aos asylos da infancia e a mil familias desvalidas — que Sua Magestade Imperial, a Augusta Viuva do Sr. D. Pedro, tem de voltar a esta côrte com sua Filha para o proximo S. João; tendo primeiro ido de Munich, onde ainda se acha, visitar a côrte de Berlin e a de Londres, onde é ardentemente desejada.

CAIXA ECONOMICA DE LISBOA.

4198 Caixa Central — edificio do Banco Lisboa, operações do dia 20 até 26 de abril de 1845. — 143 entradas de 132 depositantes 25:712$400 rs. — Homens 63 — mulheres 37 — menores 32. O commissario das caixas economicas — *Sebastião José Ribeiro de Sá.*

CONSTERNAÇÃO E JUBILO.

(*Carta.*)

Lisboa 28 de abril de 1845.

4199 Subia pela *calçada dos Paulistas*, antes de hontem uma vendedeira com a sua giga á cabeça a apregoar as suas hervilhas, muito descançada ou muito cançada não o sei: corre para ella um homem seu conhecido, e sem nenhuma preparação lhe annuncia que — seu marido lá se acaba de precipitar das pedreiras de Alcantara, e ficou feito pedaços. — A mulher cae fulminada; grita, róla, carpe-se; por fim levanta-se, corre ao sitio. Seu marido havia-se com effeito precipitado, mas todo o estrago da queda se limitára á deslocação de um braço, a algumas contusões e esfoladuras. Encontrou-o já caminho do hospital para onde ía em maca. O encontro foi de lagrimas, em que a alegria teve mais parte que a dôr.

De V. etc.

R.

ROUBO IMPORTANTE.

4200 Extracto de uma carta anonyma ao *Periodico dos Pobres no Porto*: — « Em a noite de 13 para 14 do corrente abril, foi invadida a casa do bacharel *José Fortunato de Mesquita Paiva Pinto*, no logar de *Foz de Arouce*, onde o mesmo amalucado bacharel vivia com uma criada; entraram por um janello de palmo e meio em quadro, foram ter com elle á cama e acordando, viu junto a esta um homem com um côto de cêra accezo; e perguntando-lhe o que queria, respondeu este — dinheiro — arrumando-lhe uma pistola á cara; o bacharel a tremer disse: — « alli está naquelle bahú; mas não me mate; » — O ladrão levou-o então para o quarto da criada e ahi, a ambos, pozeram uma sentinella com uma espada desembainhada e com luz, e foram buscar o bahú.

O bacharel quiz fugir; o guarda deu-lhe com a espada na cabeça, e a moça se lançou a elle gritando; levou então uma cutilada em um braço e muita pancada: n'isto apagou-se a luz; houve gritos; e fugiram os ladrões, mas levaram o bahú, que continha 570 moedas em dinheiro de prata; 400 peças de 7:500; duas de 24:000; algumas de 12:800; e muitos penhores. Diz-se subir o roubo a 15 mil cruzados. « »

CAI'NS.

4201 Poucas tragedias poderiam abortar de fantasias desregradas tão atrozes e infames, como a que se realisou na villa de Tentugal a 17 de abril.

Tres irmãos viviam sosinhos n'uma casa: o mais velho, administrador do morgado de um tio, tinha os outros dois á sua sombra e agasalho; este assassinam-n'o, na sua propria casa, a tiro. E' providencia divina,

que todos os attentados contra a naturesa sejam sempre absurdamente calculados e deixem á justiça dos homens, por onde descobrir os seus perpetradores: em vão os dois monstros deram vozes, fingiram consternação e pertenderam inculcar que os tiros tinham vindo de fóra; todos os instrumentos e vestigios materiaes do maleficio conspiraram para os confundir.

E' um processo em que se vae fitar a attenção de todo o reino. Os pormenores do caso podem os curiosos lel-os na *Restauração* de 24 passado.

MAIS.

4202 No mesmo numero da *Restauração* se lê:

Este crime, quasi egual áquelle para que os antigos, por impossivel, não fixavam pena, tem-se repetido de um modo lastimoso. Um remador dos escaleres da alfandega, por nome Hermenigildo, moço de 21 annos, acaba de assassinar seo irmão com 4 facadas, e de um modo aleivoso e traiçoeiro que centuplica o attentado. Elle mesmo promoveu uma desordem, e para que o irmão o não conhecesse no acto horrivel que meditava, mudou de bonét e de fato, de fórma que o ferido, ao ser transportado para o hospital, declarou ser outro o seo assassino. Felizmente foi hontem apprehendido, e a justiça procede com vigor.

FLORES SEM FRUCTO.

4203 Com este modesto titulo se publíca o tomo VI das obras do Sr. Garrett, com 233 paginas.

São as FLORES SEM FRUCTO uma especie de catalectos pelo proprio auctor colligidos no solto poetar do seu passado; e com um prologo, a partes mui formoso de singeiesa e affecto, em que por uns termos sentidissimos se lastima de haver já decaído da edade da poesia para a da prosa.

N'esta collecção de mui variados metros e sujeitos, politicos, amorosos, philosophicos, moraes, classicos e modernos, ha poemasinhos que se distinguem por uma certa graça original de inspiração, e pelo donoso das fórmas; não ao poeta mas ao nosso jornal fariamos injúria e roubo, se deixassemos de recommendar este livrinho.

Analysal-o!... ¡¿quem analysa flores?! Ramilhetes são feitos para se gosarem: gosta-se d'elles porque se gosta.

HISTORIA DE PORTUGAL.

Prospecto já impresso avulso.

4204 »Sahiu á luz: *Resumo da historia de Portugal para uso das crianças que frequentão as aulas*, 3.ª *edição, revista e muito augmentada, por Emilio Achilles Monteverde.*»

«Comprehende a historia do nosso paiz desde a fundação da monarquia até á morte de S. M. I. o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança, enriquecida de varios episodios dos lusiadas de Camões, a fim de ir familiarisando a mocidade com um poema que tanta honra dá á Nação Portugueza. Tracta mais este *Resumo* dos seguintes assumptos: titulos dos reis de Portugal — tractamento dos reis de Portugal — titulos do filho primogenito d'el-rei de Portugal — do titulo de rainha dado a D. Thereza, mulher do conde D. Henrique, e desde quando Portugal se começou a chamar reino. Algumas ordens militares que houve em Portugal, e já não existem. — Ordens militares portuguezas existentes. — Quem foi o primeiro portuguez que no mar usou de artilheria, e desde quando nos é conhecido o emprego desta arma — das cartas de marear de gráos iguaes e meridianos parallelos — quem inventou o astrolabio maritimo — das armas reaes de Portugal, e explicação das diversas peças de que ellas se compõem — descripção das armas das 23 cidades de Portugal, e bem assim das de — Abrantes, Alemquer, Almeida, Alter do Chão, Anciães, Aviz, Cabeço de Vide, Castello de Vide, Certã, Chaves, Estremoz, Freixo d'Espada á Cinta, Grandola, Jerumenha, Linhares, Monforte, Monsanto, Monção, Moura, Palmella, Penamacor, Santarem, Setubal, Torres Novas, Trancoso, Torre de Moncorvo, Vianna do Minho, Villa do Conde, Villa Nova da Cerveira, Villa Flor, Villa Real — explicação sobre a extensão do que antigamente se entendia por Algarves — indicação das obras que poderão consultar aquelles que desejarem ter uma noção mais ampla ácerca de Portugal, seus dominios e conquistas.»

»Pelo que fica dito, poder-se-ha pois ajuizar da utilidade desta obra, illustrada com muitas e interessantes notas sobre todos aquelles pontos que involvem alguma duvida, e nas quaes se citam as opiniões mais seguidas, e bem assim todas as obras que tem relação com o assumpto de que se tracta: havendo o author feito quanto estava ao seu alcance não só para apresentar, em um pequeno volume, os factos principaes da nossa historia, e todas aquellas particularidades que podem interessar um verdadeiro portuguez, amante da gloria da sua nação; mas para que este *resumo* fosse um bom guia para quem quizesse estudar a fundo a historia de Portugal.»

»Vende-se por 200 reis, em Lisboa, na loja da viuva Henriques, rua augusta n.º 1, e nas de quasi todos os livreiros; no Porto, na de Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, rua dos Caldeireiros numero 11 e 12, e nas mais do costume; em Coimbra, na loja de livros da imprensa da universidade.»

«Recommenda-se este Resumo a todos os pais de familia, e aos directores de casas de educação.»

CAUTELLA COM CREANÇAS.

4205 De uma sobreloja, na rua Nova do Carmo, n'um dos dias da semana passada se precipitou uma creança de oito para nove annos de edade, que, descuidada, estava brincando á janella. Accudiu-lhe a medicina, e com os seus soccorros hoje se acha já livre de perigo. (*Communicado.*)

UMA VICTIMA DO DESCUIDO ALHEIO.

4206 Le-se no *Cosmopolita* de 11: no dia 5 deste mez appareceu na roda dos expostos a ama Albina de Jesus, mulher de Francisco Marques de Carvalho, ferreiro, assistente no logar da Bandeira, freguezia de S. Christovão de Mafamude, com o exposto por nome Eduardo, no mais deploravel estado possivel: a creança tinha as mãos ambas comidas, um pé meio comido, e um braço fracturado. A ama conta assim o caso: tendo sahido de casa para cozer pão em casa de sua sogra, deixara o exposto entregue a uma tia, e que esta sahindo tambem, por acaso uns cevados entraram dentro de casa da dita ama, e pozeram o innocente no estado acima referido. O exposto foi curado no hospital da Misericordia, e consta que ainda vive.

UMA OBRA PUBLICA MUITO UTIL NA ILHA DE S. MIGUEL.

(Carta.)

Ponta Delgada 20 de fevereiro de 1845.

4207 Assim como eu partecipei a V. ha já tempo, reedificação da muralha do *areial de S. Francisco*, tambem é justo que lhe noticie — para o fazer publico por meio da *Revista* áquelles que se interessam pela prosperidade das possessões portuguezas — que ao actual secretario servindo de governador civil d'este districto devem os michaelenses o prazer de já ver em começo uma pequena doca. Não se deu principio ao concerto da muralha, que o sempre lembrado ven-

daval de 5 de dezembro de 1839 deixou totalmente desmantellada, mas sim a construir-se uma nova, que deita mais para o mar, ficando, por isto, a bacia do areial muito mais espaçosa; a qual segundo ouço, será profundada, e consideravelmente melhorada, logo que a muralha, ou *quebra-mar*, se ache concluida. A largura d'esta anda por 30 a 40 palmos, e vae construida com segurança segundo a opinião dos intendedores. Agora compete ao governo concorrer pecuniariamente, para que uma obra de tamanha utilidade não pare no seu começo. *J. I. Cabral.*

GOVERNO CIVIL DE PONTA-DELGADA.

4208 O Sr. Manuel Maria Coutinho, secretario geral servindo de governador civil d'este districto applica todos os seus desvellos em beneficio do districto. Empreendeu e lá vae continuando uma obra de tanta utilidade para os povos dos Açores, que o fará lembrado com saudade.

E' a doca no areal de S. Francisco, em que os seus bons desejos são coadjuvados pelos do digno par do reino o Sr. Duarte Borges da Camara. S. Ex.ª faz que até de noite se trabalhe para se aproveitarem as marés. A tudo elle preside: tudo dirige.

Já hoje os Acorianos olhão a S. Ex.ª como um segundo Silvestre Ribeiro, que tantas e tão claras provas do seu fervor pelo publico bem deixou n'aquellas possessões.

Consta-nos, que o governo de S. Magestade acaba de approvar as obras encetadas concedendo um credito ao Sr. Manuel Maria, para a sua conclusão.

Cá de longe felicitamos a nossos conterrancos pela ventura do serem administrados, por quem assim se interessa na prosperidade da nossa querida patria.

Mariano José Cabral.

PRESENTE DE NOIVADO DE UMA ZELOSA.

4209 Albixo do Carmo, velho derrengado, cego, nojento e mendigo, de Loulé, estava apregoado para se receber com certa Mathilde; e costumavam ir ambos pernoitar na poisada de um ermitão dos suburbios, tambem velho e cazado. Ahi se achavam todos os quatro n'um dos dias da penultima semana, entra Antonia, moçinha de 16 annos, conhecida de todos elles. Travada conversação, puxa naturalmente de quatro figos, que traz, e offerecendo-os a Mathilde se desculpa de não dar nada aos outros, nem se quer á ermitoa, que a havia creado, por não ter senão aquillo. Mathilde metteu um na boca; achou-lhe máu gosto, mas comeu e passou a segundo: o gosto do segundo pareceu-lhe ainda peior, não o pôde levar: Mathilde deu os dois que lhe ficavam á velha, que tambem se não atreveu com elles.

Foram lançados a uma cadellinha; essa, sim, que devorou parte; mas passados minutos entrou aos vomitos; logo isto as fez caír na conta do que poderia ser o presente. Soccorreram-se ao antidoto usual do azeite. Tinham sido envenenadas: mas escaparam.

No outro dia houve corpo de delicto: examinaram-se os remanescentes dos figos, e acharam-se recheados de pós de Joannes. A amavel presenteadora foi levada para a cadêa.

INHOSPITALIDADE E HOSPITALIDADE.

4210 Le-se no *Cosmopolita* o seguinte:

No vapor *Porto* veio o mestre José Custodio do Sacramento e tripulação do hiate portuguez *Amizade*, que havia sahido de Lisboa no dia 22 de março proximo passado para o *Porto* com carga da praça. Este hiate, em consequencia do máu tempo que apanhou, abriu agua, e não podendo já as bombas estancá-la não lhe restava senão uma prompta submersão, quando passou ao longe um navio inglez a quem pediram soccorro, e este lho não prestou, por não vêr ou por não querer! Esta desgraçada tripulação ainda não tinha de morrer d'uma morte tão affrontosa, pois que no dia seguinte, estando a 40 legoas ao nordeste do cabo de Finisterre, viram um navio francez, e pedindo-lhe socorro, este immediatamente se aproximou, e não podendo a tripulação saltar á lancha por causa da agitação do mar, o francez lhe deu uma abordagem recebendo a seu bordo a tripulação do hiate e 2 passageiros, e os foi deitar a Cascaes, 17 milhas ao E. de Lisboa. Gloria eterna ao capitão francez que assim salvou d'uma morte prompta e inevitavel a uma tripulação inteira!

VINTE CINCO PRISÕES.

4211 Saiu á luz o primeiro tomo (208 páginas em oitavo) da obra intitulada — As vinte e cinco prisões de Adriano Ernesto de Castilho Barreto, cavalleiro das ordens de Christo e da Conceição, ajudante do procurador regio da relação de Lisboa, membro do real conservatorio, etc.

Preço 480 rs. Vende-se na *Typographia Lusitana*, rua do Abarracamento de Peniche n.º 43 e nas principaes lojas de livreiros.

O seu indice é o seguinte: — Dedicatoria: — a minha prisão: — a busca dos meus papeis: — segredo: — o companheiro: — pequena amostra das testimunhas de 1831: — requisição: — ressurreição: — recreações do limoeiro: — revolta do regimento 4. — intimação inesperada: — remoção: — vestaes machas ou os interrados vivos: — necrologio de João dos Reis Leitão: — como se muda cinco veses de casa na mais curta noite: — de S. Julião para onde? — arder vivo: — mais dois dias de fogo e duas noites de véla: — quinto dia de peregrinação: — sexto: — septimo: — oitavo: — nono e ultimo: — Forte da Graça: — morada em rua de nova especie: — nosso primeiro modo de vida: — de mal para peior: — o rouxinol: — os enfermos.

MASONI.

4212 Consta-nos que a 8 de maio vae ter em S. Carlos meio beneficio o illustrissimo artista, socio e professor do Real Conservatorio e musico da camara de Sua Magestade Fidelissima, Vicente Tito Masoni, o bello talento admirado em tantas capitaes da Europa e radicado e acclimado hoje em nossa terra.

Não é costume d'esta folha ser perante o publico solicitadora de negocios de tal natureza: fal-o-hiamos porém em favor do Sr. Masoni, se o seu nome não bastasse para attrahir só per si o geral favor. Não recordariamos (pois que ninguem o esqueceu) o seu sólo de rabeca na ópera dos *Lombardos*, trecho por cuja execução no theatro de Milão, o professor Cavallini, que segundo os peritos se não póde comparar com o Sr. Masoni, recebeu grandes presentes; e que sendo tocado em Madrid por um discipulo do Conservatorio lhe grangeou uma recompensa de qua-

trocentos duros. Diriamos só que ao grande genio artistico de todos conhecido, no Sr. Masoni se reunem outras circumstancias que lhe devem carear benevolencia e protecção: homem virtuoso e desvelado pae de familias, é só com o seu trabalho que elle sustenta e educa septe filhos, pela maior parte ainda na infancia; e ás amarguras da sua pouca fortuna e aos sobresaltos, que lhe deve dar o pensamento do futuro, accresceu-lhe ultimamente a maior de todas as desventuras, a morte de sua esposa, da mãe de seus filhos, da companheira e consoladora de suas penas: o seu coração sensivel; e se o terá elle! está n'este momento sobre um sepulchro, desejando e temendo sentir a sua ultima pulsação.

Quando a 8 de maio o virdes apparecer carregado de lucto sobre o palco, quatorze dias se haverão apenas passado, depois da hora mais solemne e tremenda da sua vida: quem póde imaginar o que tamanha dor em tão bella alma tem de influir na expressão de sua musica!

MELANCOLIA FUNESTA.

(*Carta.*)

Loulé 21 *de abril de* 1845.

4213 Um individuo por alcunha o *xerém*, dos arredores d'esta villa, havia mais de anno que trazia a mania de se matar; porém a familia andava alerta. Sabbado 19 sae a mulher a buscar herva, elle aproveitando-se da aberta, sae tambem, e com um lençol se enforca n'uma alfarrobeira. Descançou. ¡Que descanço!.... De V. etc.

João José Jara.

NÃO SABEIS O DIA NEM A HORA.

(*Carta.*)

Lisboa 28 *de abril.*

4214 Sabbado 26, um rapaz de seus 23 annos, entra n'um açougue á Praça da Figueira, começa a conversar; — de repente pede agua disendo que não se acha bom; chega a agua, bebe, e cahe redondamente morto.

Accodem as auctoridades: é reconhecido: — chamava-se Ernesto, morava na rua da Rosa, tinha mãe, esposa e uma filhinha, das quaes era o unico arrimo.

Foi immediatamente remettido para a Sancta Casa da Misericordia para se ir na tumba ao cemiterio.

Os que assim caem de repente pelas ruas, porque se não mandarão antes para o hospital? Não podem ainda dar signaes de vida? e como então prestar-lhes soccorros? Não é espantoso o registo dos enterrados vivos? Recommendamos muito este assumpto ás auctoridades, cuja é a competencia.

Em todos os tempos são estes casos de muito melindre; mas n'uma conjunctura como esta, que de todas as partes se ouve fallar de mortes subitas, muito mais. *Um Facultativo.*

CIUMES TRAGICOS.

4215 Na villa das Vellas, ilha de S. Jorge, vivia com seu amante, conta o Angrense, uma tigre de ciumes, que já n'outros tempos, com uma posta de peixe envenenada, se havia descartado de uma rival; tinha por visinhas uma mãe e duas filhas: concebeu zêlo das filhas, recorreu ao seu especifico: peitou uma mulher do monte para lhes ir vender batatas preparadas de sua mão, e a miseravel desempenhou-se do encargo. Cearam das batatas as tres desprecatadas e expiraram uma apóz outra. Examinaram-se os cadaveres, conheceram-se os effeitos do arsenico: um rapaz, que por acaso provára tambem da iguaria, salvou-se a poder de vomitos que lhe promoveram: ambas as propinadoras foram presas.

A justiça, se o quiser ser, tem de se mostrar inexhoravel e severissima.

DECISÃO DE UM PLEITO IMPORTANTISSIMO PARA A FAZENDA NACIONAL.

4216 Sabbado ultimo constou em Lisboa pelo telegrapho haver-se, na vespera, na relação do Porto decidido, a favor do Sr. Conde de Farrobo, a grande questão do agio do papel moeda, da sublocação do contracto do tabaco, dos Srs. Pimenta e Lino da Silveira.

Julgamos que agora está acabado este celebre litigio, que ha tantos annos pende no foro com tão varia fortuna.

APOSTA BRUTA.

(*Carta.*)

Lisboa 27 *de abril de* 1845.

4217 Teve muita rasão, Sr. Redactor, em pedir que castiguem os que activa ou passivamente fazem apostas que mettem a vida em perigo; mas ha ainda outras que a policia deve prohibir, porque pódem fazer muito mal ainda que não matem, e pelo menos dão ao povo espectaculos de brutalidade muito feios: — a estas pertence uma que eu hontem presenciei. — Tinha um gallego apostado com outros, que traria nos dentes, desde a egreja velha de Sancta Justa, pela travessa fóra até á rua augusta, um grande barril caseiro cheio de agua. Passava eu quando elle vinha no meio de inumeravel gallegada, rapasio, e gente limpa desempenhando-se trabalhosamente do seu ajuste, ao som de chufas e risadas de toda a parte. Chegou com effeito ao termo e recebeu o premio ao venceder: — dois tostões!

A questão é se lhe ficariam dentes para os comer; de beber não parecia elle ter muita falta. De V. etc.

J.

FORÇA DE TENACIDADE.

4218 Nenhum fiscalisador foi jámais bemquisto dos seus fiscalisados, mas o exemplo, que vamos referir, prova que este desamor, em gente bruta, póde chegar a pontos de deshumanidade muito punivel.

N'um dos ultimos dias do mez findo, um official do pescado, indo no exercicio da sua obrigação a saltar de um barco para outro com o lapis e o papel na esquerda, a casca de uma tangerina entre os dentes, o chapéu na cabeça, os oculos no nariz, e na direita o seu guarda-chuva, escorregou e caiu na agua. Grande alarido nos pescadores e catraeiros, que n'aquelle caes da Ribeira Nova nunca faltam em cardume, mas soccorro nenhum, nem sequer sombra de diligencias para o salvarem. Tres veses se viu subverter-se e tornar á flor da agua o chapéu. Um companheiro do infeliz arrebata um cróque e com tão boa mão o lança, que o pesca ainda vivo, são e saltando.

O que em tudo isto pareceu mais admiravel, foi que no seu tormentoso barafustar por baixo das aguas e dos barcos, o bom do fiscal não tinha perdido, nem o chapéu, nem o guarda-chuva, nem os oculos, nem o papel, nem o lapis, nem a tangerina d'entre os dentes, nem o animo.

E' o varão justo e tenaz, que Horacio cantou na sua ode, sem o conhecer.